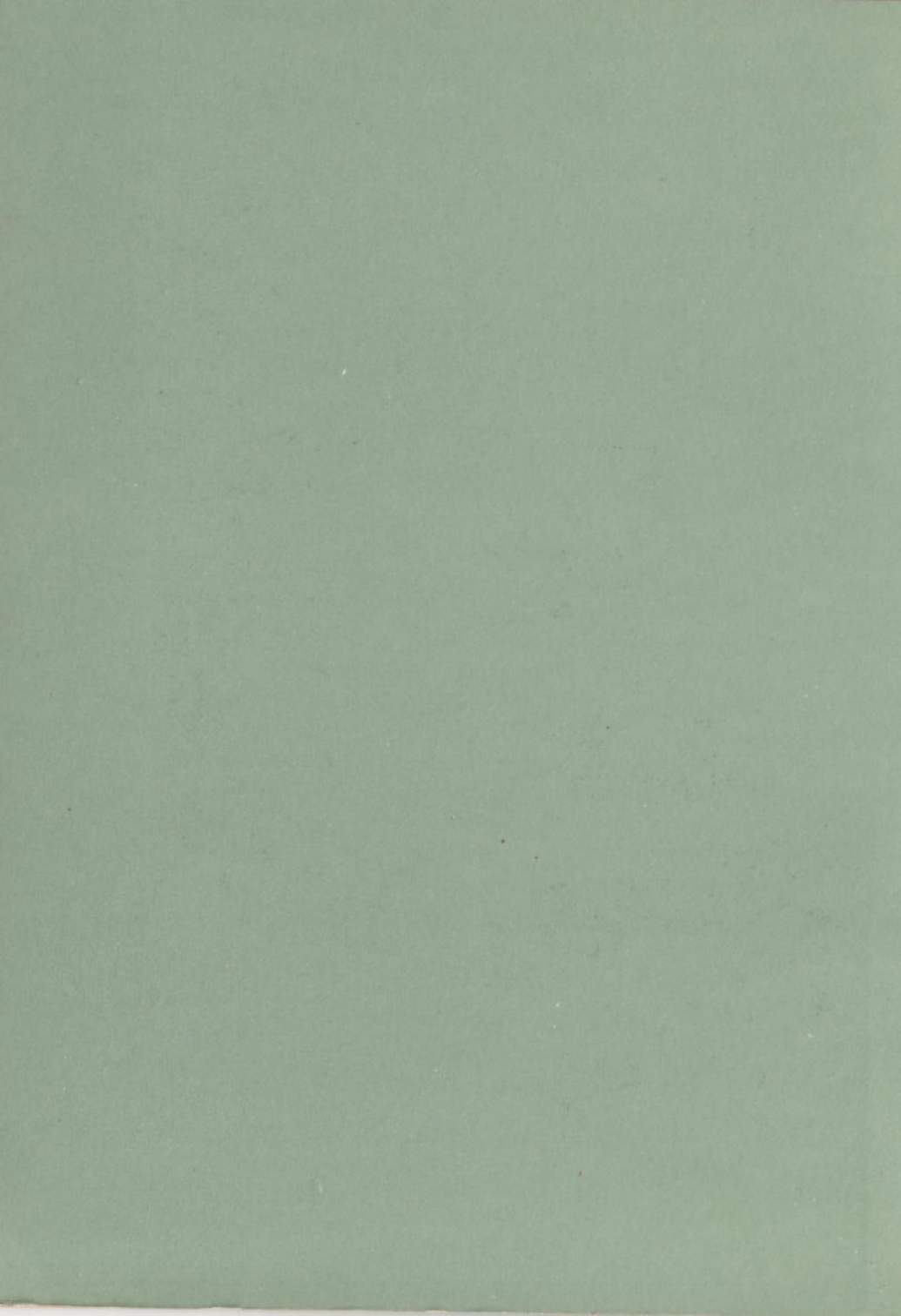


PLINIO SALGADO

E A REVOLUÇÃO DO ESPIRITO



RUY PEREIRA e ALVIM



Plínio Salgado
A Revolução do Espírito

RUY PEREIRA E ALVIM



Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
<http://www.integralismo.org.br/>
Deus - Pátria - Família

Ruy Pereira e Alvim

Nasceu em Santos — São Paulo. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, onde foi Presidente da Associação Acadêmica de Coimbra e Diretor do Jornal "Via Latina".

Colaborador de várias revistas e jornais portugueses. No Brasil, foi correspondente do Jornal "O Comércio do Porto" e membro da União Brasileira de Escritores. Autor de diversos trabalhos profissionais em revistas especializadas.

Obras Publicadas:

"Revolução" (ensaio)

"Espaço Poético 79" — Antologia poética — São Paulo

"Este Reino foi Traído por Soldados" (poemas)

Publicado por

Editorial — La Esfera, San Francisco, 2002, 128 p. — San Francisco
1997/1998

Editorial — Editorial de Chile

Editorial — Editorial de Chile

Editorial — Editorial de Chile

Editorial — Editorial de Chile

Editorial — Editorial de Chile

Editorial — Editorial de Chile

*A Dona
Carmela Patty Salgado*

Editoração

Endereço — Av. Brig. Luis Antonio, 300, conj. 64 — São Paulo
Tel.: 37-7589

Editor — Claudio de Cápua

Autor — Ruy Pereira e Alvim

Capa — Mario Beltrame

Composição Gráfica — Carlos Tadeu Lauand

Data de Impressão — Jan/93

Todos os direitos reservados ao autor

Permanência e Atualidade de Plínio Salgado

Numa época em que a tendência à banalização é paradigma político e social de consumo crescente, fica-nos uma sensação de angústia abordar o pensamento e a dimensão intelectual de Plínio Salgado.

Hoje, vive-se um clima de espontaneidade como forma de recusa do conhecimento e da teoria. Vive-se a caminho do irracionalismo. Há uma fuga, individual e coletiva, à razão. Vive-se para o imediato e perde-se progressivamente a capacidade de sonhar com a verdadeira emancipação do Homem. Tudo isto agravado pelo radicalismo ideológico de certos setores e outros interesses inconfessáveis, não tem permitido a diversas gerações, no Brasil, conhecer o pensamento de Plínio Salgado e sua importância na história da sociedade brasileira. São tão nocivas estas ações mutiladoras dirigidas contra a história e a cultura de um país

que este correrá o risco de formar uma sociedade perigosamente ignorante, incapaz de, organicamente, ter consciência de si mesma. Alguém já escreveu que a sociedade está submetida, não à fantasia de suas vontades, mas a leis que não se trata de inventar, mas sim de descobrir. Pode até a união dos homens em torno de seus objetivos criar a mentira e alimentá-la, e a sociedade pode esconder por muito tempo as suas escamoteações. Esse comportamento, porém, não fará desaparecer a verdade. Mais cedo do que se poderá pensar, os fatos, os homens e suas obras, vão reaparecer, saindo dos guetos discriminatórios onde tentaram sepultá-los.

Quando forem ultrapassados estes quistos culturais e cívicos, e tudo indica estar para chegar essa fase de maturidade cultural espontânea, será feita justiça, no Brasil, à obra e à vida de Plínio Salgado. Quando for analisada com a imparcialidade dos estudiosos, divulgar-se-á a sua poderosa e rica personalidade, a fecundidade de seu talento, a precisão de suas observações, a profundidade do educador, a qualidade do poeta, que não pôde dedicar a esta faceta de seu talento tempo integral, o pioneiro romancista do Modernismo, o político revolucionário de confissão brasileira e universal, a mestria de sua oratória e o domínio precioso da língua portuguesa. Será revelada a grandeza de sua alma e superior elegância cívica, só igualadas pela coerência política com que enfrentou a

ditadura de Vargas, pragmaticamente apoiada no Partido Comunista Brasileiro, e que lhe valeu a prisão e o forçado exílio em Portugal. O filósofo, o sociólogo e o historiador terão seu lugar no pódio cultural do Brasil e do Ocidente e o político será reconhecido pela identificação de seus princípios com o quadro de potencialidades e aspirações da nação brasileira. Nesta última faceta de seu talento polivalente, será feita justiça ao autor de *A Voz do Oeste*, romance de integração brasileira, grito de amor à terra e ao povo, no apelo à caminhada para o Planalto Central, dedo apontado, em gesto prenunciador da construção de Brasília.

Juscelino Kubitschek, fundador da nova capital, reconhece, com a generosidade e grandeza características de sua personalidade, em carta dirigida a Plínio Salgado, que Brasília fora "pressentida desde o século XVIII e preparada pelo grito que você, meu caro Plínio, deu conclamando todos para a marcha rumo Oeste". Este "grito" fora dado por Plínio Salgado em 1934, em seu romance *A Voz do Oeste*. Juntar-se á, sem ferir direitos de ninguém, mas, com precedência o nome do autor de *A Vida de Jesus*, ao fundador da cidade de Brasília e a seus construtores. Seu nome será consagrado também como um símbolo de luz, que iluminou e ilumina os caminhos do Brasil Futuro.

* * *

Injustiçado em vida pela calúnia dos adversários do Brasil ou pelo despreparo cultural e desinformação de muitos, vê-se deturpada e silenciada sua experiência política, social e literária, após a sua morte. Independentemente do destino que venha a ter sua mensagem política e cultural, observa-se hoje, no Brasil, um espaço vazio, reservado aos rumos do país, no que eles carecem de cidadania nacional e de identidade com as raízes e a cultura do povo.

Há que se destacar, no entanto, a influência que as idéias de Plínio tiveram, através da inserção de alguns desses valores na formação cultural de inúmeras gerações de brasileiros que se sucedem na direção de altos escalões da vida nacional.

Quanto ao futuro, o amanhã que bate à nossa porta, há que esperar, para além da Babel doutrinária em que vivemos, com pretensões pastorais, que tomemos uma resolução surpreendente, como aconselhava o autor de "Despertemos a Nação": revestir-nos da coragem de nos confessarmos brasileiros.

Apesar de tudo conspirar contra esse gesto, porque "os homens tomam os estilhaços da verdade como evidências da verdade inteira", o espaço vazio confiado às novas gerações será o de construirem a "quarta posição", que desvende nas três verdades em conflito no mundo contemporâneo — socialismo, comunismo e nacionalismo — o que há de certo e que complementa as graves carências das três doutrinas conflitantes.

A vida de Plínio Salgado é um modelo de serena perseverança em seus ideais, de independência moral perante o poder e de heróica capacidade de sacrifício e resistência moral às prepotências dos governantes.

Negado por alguns que o seguiram, abandonado por outros que o deixaram seguir para o sempre doloroso destino do exílio, enfrentou com superior e exemplar serenidade as provações do forçado abandono da Pátria. Continuou na sua campanha de recrutamento das forças morais para criar uma nova mentalidade no Brasil, certo e seguro de que uma Pátria — como ele dizia — se constrói devagar e com firmeza, sem nunca deixar de crer nas imensas potencialidades do povo brasileiro, hoje deformado pelos maus exemplos, mas, amanhã, redimido pelas palavras e obras dos que devem ser seu modelo.

* * *

Foi importante para a minha geração o encontro com Plínio Salgado. Recordar-se a oportunidade desse momento que foi marcado por um ambiente político perturbante e agressivo, oriundo do final da guerra que deixava marcas profundas nas pessoas, nas nações e nos continentes envolvidos no conflito. Eu ainda era um jovem estudante do Liceu Sá de Miranda da cidade de Braga. E como todos os jovens daquela

geração, éramos o alvo das contradições resultantes do conflito que se abatera sobre a Europa e quase todos os continentes.

O idealismo revolucionário, romântico e aventureiro, mobilizava as generosas energias da nossa geração. Fomos assistir à conferência que Plínio Salgado pronunciava naquela cidade, sobre a "Aliança do Sim e do Não". Impressionados pela clareza de sua mensagem, transmitida por uma voz vibrante, até mesmo incendiária, numa linguagem expressiva e riquíssima, formulando novos caminhos com a linearidade de sua poderosa inteligência, iniciamos, a partir desse dia, uma reflexão política que nos afastou das fronteiras do marxismo, que clandestina e silenciosamente, começávamos a querer atravessar. A história desse final de guerra na Europa e dos dramas provocados pelas incoerências do Ocidente, foi fatal para a jovem geração que estava a entrar nas Universidades.

Depois desse encontro procuramos livros do autor e descobrimos em seu discurso a lucidez de um pensamento que respondia a muitas das angústias que nos mantinham em conflito interior.

A sua concepção do Estado e da Sociedade ligada à concepção do próprio Universo, resolvia-nos muitas das dúvidas que encontramos, tanto na visão de Marx, que negava a finalidade do espírito e o valor ideal da concepção mística, como em Charles Maurras, para quem era suficiente mudar de instituições, para que

os costumes e o homem se modificassem. Essa nova humanidade que estava nascendo do caos e a necessidade de liberdade para compreendê-la, como anunciava Plínio Salgado, mobilizou a nossa curiosidade para entender o novo sentido da vida que era decorrente. Percebemos, então, que não se tratava de encontrar novos rumos políticos, mas de algo mais profundo de que iriam depender os rumos políticos. Estávamos em 1945. O Integralismo Brasileiro havia sido destruído pela ditadura de Vargas anos antes e, na Europa, a aliança do sim e do não comemorava a vitória, entre os destroços materiais e morais da Civilização Ocidental.

Assistíamos, não ao fim de um conflito que opunha civilizações diferentes, mas a uma guerra civil dentro da Civilização Ocidental, enquanto os dois molossos, sevidores de Mamom e que se odiavam, correndo por fora, assumiam a guarda e a liderança de uma Europa destruída e de um mundo reduzido à escravidão ideológica.

Assim como Alfredo Pimenta, mestre da cultura ocidental, Plínio Salgado sentia a contradição daquele momento histórico: se a guerra havia sido ganha pelos "aliados do sim", a vitória, realmente pertencia aos "aliados do não", os irredutíveis inimigos do Ocidente cristão: o capitalismo e o comunismo. O materialismo econômico iria dominar o mundo, onde havia apenas dois vencedores: a URSS e os Estados Unidos.

A minha geração vivia a perturbante e contraditória solidariedade com a vitória que, hipocritamente, se declarava horrorizada diante da cruz gamada e, no entanto, colocava e agitava sobre as nossas cabeças a bandeira vermelha imperialista e agressiva da Foice e do Martelo. Perturbava-nos uma vitória, que se dizia defensora dos Direitos da Pessoa Humana e, no entanto, espezinha ou consentia no espezinhaimento dos mais sagrados direitos dos homens.

A palavra de Plínio Salgado, na cidade de Braga, foi o encontro de uma geração — a minha — mergulhada na confusão e na incerteza, incapaz de definir a época que começava a viver, com a anunciação de uma nova Era humana, a qual, segundo o grande mestre, apresentava uma notável semelhança com o período longo e crepuscular da formação dos primeiros núcleos sociais.

A sugestiva impressão que nos envolvera de que a história caminhava vertiginosamente para a meta da utopia prometida pela Revolução Francesa e revelada pela Revolução Russa de 1917, chocara-se com as contradições ideológicas e sociológicas do “status” sócio-político do conflito e do “Post-guerra”.

A visão cósmica do Estado e da Sociedade, enunciada por Plínio Salgado, segundo a qual é no sentido das finalidades humanas que se origina o pensamento da organização social, conduzia-nos a novas reflexões e à esperança de encontrar outro caminho, outra

revolução, longe da violência que não conduziria a coisa alguma.

A sua esclarecida e culta visão da história das nações e das razões políticas que as movimentavam, anunciava-nos que o conflito entre a revolução e a contra-revolução iria evoluir e apresentar uma novidade que surpreenderia as instituições tradicionais e os próprios intelectuais da esquerda: a partir da guerra de 39-45, o conflito entre a revolução e contra-revolução, configurar-se-ia num campo de batalha que não seria mais estritamente político. O conflito iria travar-se, desde então, num campo de batalha cultural, ou, como Plínio Salgado dizia, num campo de batalha espiritual, em cuja opinião, é acompanhado 30 anos depois por Thomas Molnar, em seu livro "The Counter-Revolution".

Parte da geração portuguesa do "post-guerra" foi alertada, na leitura da obra de Plínio Salgado, para o dilema que, segundo o autor da "Aliança do Sim e do Não", nos era colocado: nas circunstâncias em que se debatia e debate o mundo, na confusão caótica do embate das ideologias e dos sentimentos, só poderia prever-se que a ordem ou se viria a fixar "na vitória do que Moscovo corporiza, ou no domínio do que corporiza Roma".

* * *

Ao contrário daqueles que, precipitadamente, fazem crer que o pensamento de Plínio Salgado se esgotou, política e culturalmente, com a extinção do Integralismo Brasileiro, a sua obra sociológica, filosófica e política, constitui, quanto a nós, uma fonte rica, dinâmica e atual de pontos de vista sobre os problemas brasileiros e um valiosíssimo manancial de recursos para soluções das crises, cuja natureza é idêntica há decênios e, por ele, desde há muito, identificadas.

Reler e refletir sobre o espectro de sua obra é reencontrar, no plano nacional, o Brasil de hoje, com os mesmos problemas e as mesmas chagas, denunciadas por Plínio, em toda a sua vida de ação política e social. A única diferença, ao longo destes anos, é a ausência de sua palavra e de sua pessoa. O País, entretanto, buscou soluções. Estéreis umas, sem autenticidade outras, por carência de identidade com a realidade brasileira. Os seus problemas cresceram e suas chagas culturais, sociais e econômicas se agravaram, acentuando-se os graves conflitos que minam e enfraquecem a sociedade brasileira, apesar da visível evolução tecnológica e econômica de certos setores e do crescimento industrial, a ponto de existirem áreas ameaçadas ou em evidente rotura social. Refletir, no plano nacional, desapaixonadamente, sobre o pensamento doutrinário do autor de "Reconstrução do Homem", seria contribuir para a colocação do Brasil, em corpo inteiro, num quadro de desequilíbrios congêni-

tos uns, conjunturais outros, para definir as propostas de restauração, em termos de fidelidade às autênticas aspirações do povo brasileiro, de acordo com os diferentes setores de atividades em que se distribui profissionalmente a população.

No plano internacional, a atualidade de seu pensamento é ainda mais evidente. Na síntese de Thomas Molnar, em "The Counter-Revolution", editado em 1980, o ensaísta político esboça o quadro da época em que vivemos. Diz-nos o autor, que nestes últimos dois séculos, os revolucionários conseguiram cobrir o mundo com uma capa de idéias falsas. O mundo vive, por consequência, um permanente estado de conflito entre essas idéias e a realidade, que incessantemente as rejeita, se revolta contra elas e as desafia. A sociedade industrial — realidade em alguns países, simples esperança na maioria — parece ser política e ideologicamente neutra, dado que sua principal ambição é a produção de massa que vai equilibrar o consumo de massa, fórmula contemporânea do bem-estar material. Um outro fator, não ideológico, seria a burocracia de massa, que se "antevê" poder coordenar as diferentes funções assumidas pelo Estado, incluindo a arbitragem, visto o dinamismo de uma tal sociedade provocar conflitos permanentes.

No entanto, mesmo se a sociedade, organizada em vista a objetivos industriais, proclama a neutralidade

ideológica, a sua orientação revolucionária permanece essencialmente inalterada.

Os meios, graças aos quais progride, na opinião de Molnar, são, indubitavelmente, de natureza tecnológica, mas sua interpretação filosófica da empresa tecnológico-industrial, no seu conjunto, é de fato revolucionária, porque será em nome de um domínio sobre o universo e sobre o destino humano, inspirado pela mitologia do fausto, que se reclama o aumento do bem-estar.

Tudo isto acontece, pelo fato de, cada vez que determinado extrato social atinge mais elevado nível de vida, os revolucionários se apressam a denunciar a sua "rígida mentalidade burguesa e conservadora" e a lançar contra ele novos "missionários em nome do progresso, da justiça e, mais habitualmente, em nome do 'movimento'". Molnar ilustra este retrato do mundo, dizendo que se os "Kulaks" da União Soviética ou as novas classes médias da América do Sul, tiverem acesso à prosperidade e, por consequência, à tranqüilidade política, serão objetos de acusações e sarcasmos que podem se transformar em atos de violência selvagem, caso os "revolucionários" possuam um poder exclusivo ou suficientemente forte. Em conclusão, o bem-estar não passa de um "slogan". O que os revolucionários realmente procuram é a "revolução permanente" ou, para empregar uma expressão mais sofisticada, a "revolução dentro da revolução".

Em resumo, a neutralidade política e as satisfações sociais da sociedade industrial do "post-guerra" não passam de aparências. Por detrás dela e de suas preocupações prioritárias oficiais, descobre-se o espírito revolucionário de 1789 e, desde então, constantemente reforçado. O espírito revolucionário não ameaça diretamente a razão de ser da sociedade industrial, cuja essência é como diz Molnar, "alimentada pelo fausto".

Muito pelo contrário, o centro da batalha deslocou-se para o campo espiritual, gravemente desgastado no decurso dos dois últimos séculos. Por um lado, os revolucionários favorecem a sociedade industrial, porque a sua abertura intelectual e os seus valores materiais podem destruir os bens espirituais do homem. Por outro lado, vêm na prosperidade e na organização industrial o domínio por excelência do que Heidegger chama "inautêntico", e os marxistas classificam de "alienante". Desta forma, a sociedade industrial é simultaneamente encorajada e condensada — em ambos os casos por razões erradas.

A posição dos contra-revolucionários, nesta situação, é a de passageiros atados e amordaçados, viajando num trem que não pudessem frear nem abandonar, embora o sintam dirigir-se a crescente velocidade para o precipício. A despeito dos sinais de alarme e da catástrofe previsível, o maquinista louco continua a alimentar a máquina já sobreaquecida.

Jean-Richard Bloch, historiador francês, numa referência a este final do século XX, afirma em tom dramático, sem contudo deixar de ser realista, que a era das guerras de religião é a nossa, "raça contra raça, continente contra continente, filosofia contra filosofia". Na verdade, estas guerras são mais cruéis e impiedosas que as guerras tradicionais entre as nações. E Jean-Richard Bloch conclui que "presenciamos hoje uma guerra civil à escala mundial".

Por todos os continentes sopram os ventos da violência, se generalizam os gestos de banditismo, e as conquistas do direito internacional para dirimir as relações e o comportamento das comunidades nacionais no plano internacional são feridas, desrespeitadas em sucessão de atos ostensivos, em nome de qualquer bandeira.

Ano após ano, consoante instituições e comunidades havidas por encarnações da moderação, da prudência e da razão, se lançam na refrega, como participantes insensatas, o potencial da violência e crueldade aumenta, porquanto o número dos que acreditam poder alcançar a utopia cresce cada vez mais. Como esta esperança é continuamente frustrada e, ao mesmo tempo, também, reavivada, as chamas da fogueira sobem cada vez mais. O jogo permanente das promessas e das decepções, das promessas selvagens e ensandecedoras e das decepções profundas, vai deformando, gradualmente, a realidade, fazendo com

que comece a ser considerada mero campo de poder ou de ausência dele, o que estimula um crescente e irresistível desejo de poder.

O fim desta lógica revolucionária, embuida da dialética hegeliana, reside na justificação de um domínio total de todos os homens. E esse domínio assume duas formas que correspondem às duas escolhas que foram autorizadas pelos dois vencedores do último conflito mundial e pelo empenhamento ideológico dos revolucionários: liberal, no espírito de 1789, ou coletivista, segundo Hegel.

Ambas as formas produzem anarquia e utopismo, pois a primeira desorganiza as sociedades em nome de uma liberdade impossível, e a segunda suprime as liberdades em nome de uma comunidade irrealizável. O mundo que nos legaram, o mundo "post-1945", é uma mistura das duas formas: onde domina o comunismo, foram suprimidas as liberdades, e a comunidade é apenas uma mistificação; onde reina a democracia, as comunidades vão-se dissolvendo em nome de uma liberdade também mistificante.

E Thomaz Molnar, dezenas de anos depois de Plínio Salgado tê-lo mostrado em seus estudos, conclui, também, que só poderemos perceber a natureza unitária da dominação ideológica sob a qual vivemos, se compreendermos que essas duas formas de poder pertencem à mesma ideologia revolucionária.

Exemplos numerosos do crescimento de conflitos violentos entre os preconceitos ideológicos que invadem as mentalidades do nosso tempo e a indomável realidade, estão todos os dias no noticiário dos jornais, vindos do mundo inteiro e até do nosso Brasil.

Porém, um conhecido revolucionário, Ignazio Silone, exemplificava o que dizemos, observando num artigo intitulado "Repensar o Progresso", que a ciência e a "democracia econômica", embora suavizando muitos sofrimentos, não produziam "uma reforma correspondente dos padrões da conduta do homem (...), um novo tipo de cidadão, dotado de qualidades mentais e morais muito mais desenvolvidas que outrora (...). Em resumo: os profetas da emancipação social não tinham contado com o velho Adão".

Por outras palavras, a criação de um novo Homem (a "Reconstrução do Homem"), mesmo na perspectiva algo nostálgica e saudosa de Silone, deveria ser um projeto inseparável da revolução econômica e científica do nosso tempo, sob pena de se frustrar o sonho reformista do mito revolucionário.

Outro escritor, Jean-Marie Domenach, em seu livro "Le Retour du Tragique", fornece-nos mais um exemplo da falência dos modelos ideológicos impostos nestes últimos cinquenta anos. Segundo ele, a utilização de métodos degradantes, como a tortura e o assassinio político, passaram da Rússia bolchevista à França e à Itália libertadas, e depois à Argélia inde-

pendente, aos novos países africanos, à Indonésia independente, ao Camboja, aos Laos, a Angola, etc... As doutrinas, segundo ele, cansam-se para explicar essas "transmissões". Aqui, aparece a afirmação de que a crueldade não é parte integrante da natureza humana, mas questão dos regimes e das doutrinas que defendem.

Na verdade, não há como imaginar que a crença numa mensagem política qualquer, incorporada a um manifesto nacional ou ideológico, poderá impedir as paixões, a sede de vingança ou a crueldade ou ainda as imperfeições da natureza. No entanto, há mais de meio século o mundo vive neste quadro, sob o impacto de "slogans" do tipo "liberdade, igualdade, fraternidade", "segurança e democracia", "transição pacífica para o socialismo", "socialismo de rosto humano" e outros do gênero.

Assistimos apenas a um fato social e político, que pela repetição constante nestes processos se configura como lei social: uma falência política cada vez mais evidente torna inevitável o terror cultural.

A revolução é uma atitude essencialmente negativa, e na melhor das hipóteses, crítica, e jamais será um princípio de organização e nunca poderá estabilizar o estado de agitação permanente que provoca e de que se alimenta.

* * *

A atualidade do pensamento de Plínio Salgado evidencia-se, assim, no quadro deste final de século em crise, que acabamos de descrever. Nas páginas da "Reconstrução do Homem", ele fala-nos da crise da civilização ocidental, que estremece em seus alicerces porque é uma civilização puramente técnica e baseada no individualismo, que "exclui toda a consideração do homem integral", ou, como ele sublinha, "do Homem, pois esta palavra tem perdido de tal forma o seu sentido que necessita ser adjetivada". Para ele, vivemos numa civilização essencialmente técnica, que se preocupa apenas com uma das faces da personalidade do Homem, excluindo todos os outros aspectos, como os culturais, não concernentes ao objeto da preparação especializada.

Desta forma, diz Plínio Salgado, esta civilização "fabrica em série todos os tipos de profissionais — médicos, engenheiros, economistas, arquitetos, advogados, etc. — mas não constrói homens. A sociedade está doente, desorganiza-se e agoniza, porque os homens, elemento constitutivo básico da sociedade, desapareceram da face da Terra. Em vez de homens, temos profissionais e estes nada sabem sobre o Homem, de sua origem, de sua natureza, do seu destino, das suas justas aspirações materiais, intelectuais e morais, dos seus deveres e dos seus direitos". E conclui de forma incisiva: "Sendo uma civilização individualista, prepara o mundo para o coletivismo, isto é,

para a anulação total da personalidade humana. E a matéria-prima no coletivismo é a massa, e não o povo, pois a massa é um conjunto informe de indivíduos, enquanto o povo é um conjunto de pessoas, independentes e harmoniosamente dispostas, executando suas atividades próprias, todas tendentes àquele objetivo do Bem Comum, que a cada componente da associação humana particularmente favorece, no sentido de alcançar o seu próprio objetivo”.

Nestas páginas, encontramos a preciosa e atualizada análise das comunidades contemporâneas, das quais o Homem desapareceu, para encontrarmos em seu lugar “as multidões de indivíduos” ou apenas “partes do Homem, sombras, espectros do Homem”.

Acima de todos estes “fantasmas delirantes”, ele via a “Economia sem finalidade ética, a Ciência sem alma, a Arte sem beleza, a Política sem deveres, a Liberdade sem limites, o Prazer sem freios, o Dinheiro sem contraste, a Sociedade sem ordem”.

Neste seu ensaio filosófico e sociológico, responde o autor de *A Vida de Jesus* aos que pensam ter-se esgotado a atualidade de seu pensamento e ainda responde, com uma antecipação de 20 anos, à inquietante frustração do revolucionário Ignazio Silas pela falha dos profetas da emancipação social que não contaram com o velho Adão, e se esqueceram de criar um novo tipo de cidadão.

Reconstruir o Homem, conduzi-lo a reconquistar-se, para que se refaça e venha ocupar o lugar que lhe pertence na organização social e no Estado. E essa cruzada terá de partir da autêntica Universidade, que terá de produzir não apenas profissionais, mas Homens. Esta é, segundo Plínio, a grande Cruzada dos tempos modernos e pela dimensão e objeto da missão será a tarefa das novas gerações contestadoras do mercantilismo que envolve o ensino no Brasil e no mundo. Este será um dos pontos de encontro do pensamento de Plínio com as novas gerações, um dos setores sociais que evidencia roturas graves neste País e que exige atenção, esforços, idealismo e juventude.

O sonho da sociedade do bem-estar, debatendo-se em suas contradições de origem ideológica, não sabe como superar os erros do nosso tempo e combater as concepções materialistas porque não vislumbra as causas. Em consequência, de nada valem os planos econômicos, os pactos internacionais, a fatura de normas legais internas, as brigadas anti-terror e contra a desordem, se o mal do mundo, afirma Plínio, não está no comunismo, nem na anarquia social reinante, "mas na mais terrível das ausências, que é a ausência do Homem sobre a Terra".

Em relação à angústia de Jean-Marie Domenach, escritor esquerdista, perplexo perante a violência e a tortura contra a humanidade, espalhada pelo mundo e tida até então como filha exclusiva do nazismo, as

novas gerações podem atentar na utilização dos mitos e manipulações ideológicas com que se manobra a sociedade de massas em que vivemos, conduzindo-a para uma paranóia coletiva, levada ao extremo do irracionalismo violento e ignorante.

Será inútil todo esforço humano, diz Plínio Salgado, tendente a inviabilizar estes perigos, se não analisarmos a autêntica questão: oferecendo um sentido espiritual, uma direção para Deus, a todas as tarefas, quer dos cientistas, quer dos estadistas, em suas atividades criadoras.

Corroborando ainda a atualidade do pensamento de Plínio Salgado, lembramos a radiografia magistral de Jacques Ellul à sociedade industrial na obra "Changer de Révolution", publicada em 1982, pelas Editions Seuil.

Afirma-nos este autor, anteriormente um paladino da sonhada Utopia, que somente a revolução de Deus em Jesus Cristo, poderia fornecer ao mesmo tempo a alavanca e o ponto de apoio para a verdadeira revolução e que o Homem Cristão será o único a poder constituir-se em alavanca dessa revolução.

Porém, em 1957, Plínio Salgado já antecipara a reconstrução do Homem como a necessária alavanca e ponto de apoio para uma autêntica mudança revolucionária, preconizando a recondução do Homem ao esplendor das Harmonias Divinas, em que ele exerce

a sua integral soberania, impondo a força dos valores morais onde pretendem imperar as forças bárbaras e desconexas dos valores materiais em conflitante desordem.

Em Plínio Salgado, a "Revolução deixa de ser a desordem individualista, classista ou partidária, para ser o direito do espírito de intervir no desenvolvimento das forças materiais da sociedade, recompondo equilíbrios segundo um pensamento de justiça".

A verdadeira revolução será aquela que concebe "o Homem como uma criatura de Deus e a Nação e o Estado como criatura do Homem. A ciência não é renegada, mas passa a ser servidora do Homem, em vez de ser o tirano que o subjuga".

Esta é uma evidência da atualidade e permanência do pensamento filosófico e político de Plínio Salgado.

Jacques Ellul reconhece, 50 anos depois do autor da *Quarta Humanidade*, a falência de todas as revoluções que em nosso século pretenderam libertar o homem de sua condição proletária. Para ele, o socialismo moderno também não fornece ao homem uma via não-utópica e plenamente humana, enquanto a Ciência nos retém na outra margem. É ainda ele que percorrendo, dezenas de anos depois, o diagnóstico feito por Plínio Salgado, afirma decepcionado: "Não há mais moral. Os valores de nossa sociedade ocidental

foram, com justeza, recusados há meio século. As outras sociedades não têm valores morais ou religiosos susceptíveis de nos guiar neste drama em que somente, no momento, o Ocidente está empenhado". Finalmente, Jacques Ellul, tal como o autor da "Quarta Humanidade", apela para a necessidade "de uma alavanca extremamente poderosa (motivações suficientes para todo o risco) e de um ponto de apoio imutável".

O Mestre de Brasilidade havia feito a pergunta e dado a resposta há cinqüenta anos atrás: "Como restaurar o teor saudável da vida pessoal de cada um, se não encararmos de frente e resolvidos a solucioná-lo o problema do Espírito, ou melhor, o problema da Alma do Homem?" Para ele, o problema do mundo, hoje, é, antes de tudo, espiritual, religioso, e se alguma coisa poderá ainda salvar a Humanidade neste instante é o amor, a bondade, a misericórdia, a paz do espírito". É o ponto de apoio imutável, a alavanca extremamente poderosa, capaz de produzir motivações suficientes para suportar todos os riscos de que nos fala, hoje, Jacques Ellul em "Changer de Révolution".

* * *

A atualidade do pensamento de Plínio Salgado decorre ainda da solidez de sua obra, alicerçada em estudo sério e profundo sobre o Homem, as Nações, o Universo e Deus e na meticulosa e consciente pesquisa das raízes históricas e culturais da nação brasileira.

Desse meticoloso estudo do pensamento científico e cultural que envolveu e influenciou outros países e parte da sociedade brasileira, resultou a sólida análise pliniana dos problemas nacionais. Radica-se no rigor do estudo pluridisciplinar a que procedeu, a sensação de atualidade profética, emanada, ainda hoje, da leitura de suas obras. Ainda hoje, também, quando vemos afirmado por ministros, empresários e setores do público, a necessidade de moralizar a vida econômica e financeira do País, quando lemos o noticiário chocante da criminalidade, de todos os níveis sociais que assola a sociedade brasileira, quando lemos e escutamos as palavras contraditórias e surpreendentes de certos teólogos, quando vemos o deprimente quadro da miséria econômica e social instalado na vida das nossas, outrora harmoniosas, cidades, quando assistimos à massificação do uso de tóxicos e às dependências angustiadas, à deprimente exibição de riqueza inútil de certos setores da sociedade, bem como a adoção mítica de símbolos e valores, como padrões de discriminação social, reencontramos a atualidade da análise pliniana, e a permanência justificada de seu pensamento.

Suas advertências e postulações eram corretas, e tudo evidencia que a única diferença existente, entre a sua época e a de hoje, é o avolumar de problemas com origem nas causas por ele já denunciadas.

A diferença entre Plínio Salgado e os novos Messias, diz-nos que ele fez o diagnóstico, previu o agravamento da doença, se, ao Homem brasileiro não fosse dada especial atenção, centro nevralgico de seu ideário, mobilizado e integrado num movimento de reconstrução de uma sociedade mais justa; enquanto os novos Messias, ou nos anunciam o ódio, a violência, a tortura e a morte com soluções totalitárias ou preconizam projetos conciliatórios, de efeito temporário, sem resolver as causas, as quais permanecem alimentando as crises. O Homem, como centro das preocupações, como destinatário das soluções exigidas, é esquecido, ignorado e reduzido a uma expressão meramente física e temporal, apenas com um destino biológico, circunscrito ao âmbito da Terra.

Na perspectiva pliniana, o Homem é a síntese substancial, o ser nacional onde se integram os fenômenos. Ele constrói seu edifício doutrinário a partir de uma concepção espiritualista do Universo e do Homem e acredita no destino sobrenatural deste. Por consequência ele aceita o primórdio e a prevalência do Espírito sobre a Matéria, isto é, a superação dos valores da Alma em relação às contingências do Corpo.

ções para a realização efetiva da Liberdade. A Plínio, como ele próprio escreveu, repugnava-lhe a idéia de um Estado Totalitário, tendo-se a si próprio como fim: ele sonhava implantar um Estado constituído de Homens integrados, com dignidades asseguradas, realizado por coletividades esclarecidas, dotadas de elevação espiritual e de espírito de solidariedade. Como ele próprio afirmou, sonhava com um Brasil honesto, bom, inteligente e dotado do superior sentido de equilíbrio que viesse a realizar a harmonia social perfeita.

* * *

A obra legada por Plínio Salgado não é de fácil acesso cultural, especialmente num país de memória curta e de ensino horizontal.

A análise folclórica sobre sua personalidade e obra, até hoje processada no Brasil, tem fins ideológicos dissimulados e pouco sérios ou então é o resultado de leituras apressadas feitas por ensaístas culturalmente despreparados.

Num país com vocação para o culto de falsos ídolos e de mitos de meteórica existência, com dificuldades de leitura séria, e com uma informação vocacionada para o sensacionalismo imediatista, falta o fôlego, o

Da análise pliniana, resulta a crítica às diferentes visões do Homem, que ainda hoje informam a vida quotidiana de diversas sociedades políticas que comandam o planeta Terra.

Quer na expectativa marxista, onde o homem é apenas uma realidade econômica, quer na visão das democracias agnósticas, considerando-o uma realidade política, ou nas correntes "freudianas", que visualizam o homem pansexualista e onde só identificaram as realidades do prazer sensual, quer ainda na perspectiva de Nietzsche com seu Super-Homem dotado de impulsos violentos, passando pelo homem-raça de Gobineau, ou pelo bom selvagem de Rousseau e ainda pela visão exclusivista de Hobbes, que somente via no homem a maldade natural, Plínio detectava o parcialismo das concepções sobre o ser humano. A essas visões mutiladas do Homem, Plínio atribuía a origem de um conjunto de soluções deformadas que gerariam os maiores inimigos do Homem: o Estatismo e o Liberalismo, ou seja, a autoridade sem limites e a liberdade sem freios, dispostas a sacrificar o que mais importante existe no ser humano: a dignidade de sua pessoa.

Na análise de Plínio, o Homem é uma expressão de liberdade, com direitos naturais na esfera de suas legítimas aspirações materiais, intelectuais e espirituais. Na análise pliniana, o mais importante, ou melhor, o essencial e indispensável, é criar as condi-

ânimo e o interesse cultural para conhecer toda a extensão da verdade.

A necessidade de ganhar o pão nosso de cada dia com relativa estabilidade, conduz muitos a omitir a verdade, enquanto outros, engajados ideologicamente, não fazem mais do que silenciá-la. Há, porém, um terceiro grupo, que patrulha ideologicamente todos os meios de informação que possam revelar essa verdade, não hesitando em escamoteá-la, ou dificultando-lhe o acesso com freqüência.

* * *

A propósito do silêncio sobre Plínio e da ação desinformadora desenvolvida por quaisquer grupos, recordo também a tese de Thomas Molnar em "The Counter-Revolution", sobre o fracasso geral da contra-revolução. Segundo ele, o pensamento contra-revolucionário tem falhado regularmente, não por qualquer fraqueza intrínseca da posição ou da filosofia defendida, mas porque os contra-revolucionários têm-se revelado incapazes de utilizar a fundo os métodos modernos, como organização, "slogans", partidos políticos, meios de comunicação, "marketing", publicidade e relações públicas.

Na verdade, o processo publicitário foi abandonado aos "media" revolucionários, de tal modo que os

contra-revolucionários, habitualmente, surgem a uma luz desfavorável quando, ao menos, conseguem fazer-se conhecer. Resulta deste processo de apatia desinteressada, que o homem da rua, mesmo quando não está comprometido com nenhuma causa, é portador de um “mecanismo” que lhe dita reações simpáticas aos heróis e às causas revolucionárias e um sentimento de estranheza ou relutância perante as causas contra-revolucionárias. Por outro lado, os meios de comunicação contra-revolucionários, quando existem, pouco ou nada fazem para corrigir essa atitude inicial do homem da rua, entretanto, permanentemente reforçada pela influência contínua de propaganda da esquerda.

Acrescente-se a esta situação o fato de os contra-revolucionários se dirigirem essencialmente aos já convertidos, cujo número pode ser importante e até representar a maioria, mas não vai aumentar após esse primeiro contato.

Finalmente, o público contra-revolucionário é, em geral, “estático”, não sentindo necessidade ou possibilidade de maior expansão, quer pelo conhecimento, pela mobilidade ou pelas conquistas das instituições: a ele, basta-lhe ter assegurado que as suas opiniões são justas. Os contra-revolucionários lêem os seus próprios jornais e livros para aí verem refletir-se as suas próprias convicções e também para confirmarem

a existência de outras pessoas que comungam nos mesmos ideais.

Esta atitude não prevalece apenas entre os contra-revolucionários de uma Europa ativíssima no plano ideológico, mas também no Brasil, onde os "resistentes" não se mostram hoje capazes de articular princípios em termos filosóficos na defesa de seus pontos de vista, dando a impressão de serem conduzidos por motivos sórdidos.

Na arena política, colocam-se numa posição de expectativa aguardando que os acontecimentos persuadam a população e os eleitores a aderir à sua causa. São incapazes de os persuadir em períodos de calma e normalidade porque não fazem esforços sérios nesse sentido e ainda deixam o campo livre aos meios de propaganda revolucionários. Assim, surgindo a crise política, não dispõem de qualquer grupo organizado e experimentado, mas apenas de massas unidas pelas circunstâncias, invertebradas, clamando ansiosamente por imediata proteção contra a agressão ideológica e a anarquia.

* * *

A reedição da obra de Plínio Salgado iniciada pela editora "Voz do Oeste" deveria estimular estudos sérios sobre a conjuntura brasileira e a atualidade dos prin-

cípios por ele expostos na defesa das soluções que mais poderiam interessar ao Brasil.

Devia pensar-se no acesso da juventude à sua obra para discussão e análise de seu pensamento e para subsídio à formação de gerações que procuram respostas às suas inquietações. Por que ocultar-lhes a existência de Plínio Salgado e de sua obra quando lhes facultamos e favorecemos a sua iniciação em Marx, Hegel, Heidegger, Sartre e tantos outros próceres do pensamento revolucionário materialista? Devia utilizar-se o raro manancial doutrinário por ele produzido para elaborar as sínteses indispensáveis ao Brasil do ano 2000, a que não faltarão as mensagens revolucionárias de "massa" para definitivamente desviá-lo de suas raízes e da verdadeira missão de paz e de harmonia entre os povos do mundo que geo-politicamente lhe está reservado.

Não tem o Integralismo Brasileiro nem os Integralistas de que se envergonhar. Em nossa perspectiva, eles desempenharam um papel histórico na luta contra a penetração comunista no Brasil e contra o regime totalitário de Vargas. Vencidos pelo Estado Novo, nem por isso os seus ideais foram ultrapassados ou envelhecidos pelo tempo. Eles constituem, em sua essência doutrinária, um obstáculo ao materialismo histórico e ao domínio da economia sem finalidade ética, da política sem deveres, da sociedade sem ordem e da ciência sem alma.

Eles continuam sendo a esperança dos homens desarmados e desprotegidos, perplexos diante do enigma do seu destino.

A obra doutrinária de Plínio Salgado, está atualizada pela própria erosão das ideologias, frustradas pelo fracasso destes últimos quarenta anos de instabilidade e terror mundiais.

É necessário ter-se esperança para sentir que a sua doutrina sobre o Homem e a sua reconstrução é ainda uma via de opção para um Povo corroído pela desilusão e abatido pela tristeza de sentir em suas estruturas vitais a influência perniciosa do materialismo que domina a nossa época; para as elites intelectuais e para as novas gerações de estudantes do Brasil que se afligem e desesperam na contemplação da decomposição da sociedade, da Universidade e do patrimônio cultural e material do País.

Para esses há que recordar-lhes que o pensamento político de Plínio Salgado foi indiscutivelmente a primeira tentativa programática séria e cristã, a nível nacional, com preocupações sociais.

Esse vanguardismo, não maçônico, não marxista, não positivista, não liberalóide, não individualista, provocou o pânico nos arraiais conservadores e burgueses daquela época e alertou os redutos das forças socialistas comprometidas com a violência da revolução da utopia.

A sua obra é um documento de profundas preocupações sociais. A inquietação humana que brota, ao longo de milhares de páginas de sua produção, é estruturalmente social, porquanto, como ele dizia, o homem vive em sociedade e se esta revelar mazelas, necessariamente o homem será afetado por elas.

Seria importante para as novas gerações revelar-lhes o "Grande Poema da Grande Pátria" de Plínio Salgado, e o retrato moral e intelectual do gigantesco apóstolo da paz fecunda entre os povos, da verdade, da justiça e da harmonia social; o corajoso preconizador do Homem Novo "liberto de vícios e deformações, sem o qual de nada valem regimes, reformas constitucionais, leis, planos de desenvolvimento econômico, financeiro ou administrativo."

Às novas gerações, à nova Humanidade que desponta, será dada, então, a tarefa de criar novos padrões culturais, morais, jurídicos, políticos e administrativos. Elas irão criar novos modelos de relações sociais e econômicas. Será nessa esquina do futuro, já a ser dobrada, que se dará o encontro final com Plínio Salgado, na busca do protótipo de Estado; o Estado que tem de salvar o homem do totalitarismo, do materialismo finalista, da ditadura plutocrática-democrática e das oligarquias políticas e financeiras. Aquele Estado que defenda o indivíduo da Sociedade e a Sociedade do indivíduo. O Estado que se renove por si mesmo de acordo com as novas e crescentes

necessidades da vida humana. O Estado que fundamenta a sua origem na própria origem do Universo e do Homem. O Estado que obrigue a circular os lucros acumulados e retire da avareza internacional a concentração dos bens de capital e o poder nefasto que exerce sobre todos os governantes do mundo e seus povos, causa do seu endividamento e crises econômico-sociais.

Esse Estado, teorizado por Plínio Salgado, é hoje, sem que muitos tenham consciência disso, a meta intuitiva e ansiosa das jovens gerações descompromissadas. Querem um Estado que se dirija para os fins superiores do Espírito, "integrando nas suas próprias forças todas as forças humanas superiores".

Esta identidade de propósitos e aspirações entre as novas gerações e o pensamento de Plínio Salgado, se bem que intuitiva e circunstancial, é cada vez mais perceptível e generalizada, na medida em que os jovens se revelam conscientes das manipulações a que estão sujeitos nas áreas culturais e políticas, pela imposição de valores, conceitos, linguagem e soluções.

Bibliografia de Plínio Salgado

- 1918 — *A Bélgica*. Conferência Prof. Sr. Plínio Salgado, por ocasião da festa em prol das crianças belgas, realizada em São Bento do Sapucaí. Publicada pela Tipografia e Papelaria do "O Paraísopolis".
- 1919 — *Thabor* (poemas), ed. do autor.
- 1921 — *A Boa Nova* (assuntos bíblicos), ed. do autor.
- 1926 — *O estrangeiro* (romance), ed. Helios Ltda.
(in OBRAS COMPLETAS, ed. das Américas, 1954, São Paulo, vol. X, e 8ª ed., José Olympio, 1972).
- 1927 — *Literatura e política*, ed. Helios Ltda.
(2ª ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX).
— *Anta e a curupira* (manifesto modernista), ed. do autor (in *Despertemos a Nação*, in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
- 1927 — *O curupira e o carão* (em colaboração com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo), ed. Helios Ltda.
- 1927 — *A literatura gaúcha* — Conferência literária realizada no "Centro Gaúcho" de São Paulo.
- 1931 — *O esperado* (romance), comp. Editora Nacional.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XII); 5ª ed., Ed. Voz do Oeste/INL, S.P., 1981.
— *Oriente* (viagem), ed. do Autor.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, Vol. XVIII).
- 1933 — *O cavaleiro de Itararé* (romance), ed. Unitas.
4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vols. XIII e XIV, 5ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1979).
— *O que é Integralismo* (política), Schmidt ed.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX).
- 1934 — *A voz do oeste* (romance histórico), ed. José Olympio.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XIV, 5ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978).
— *O sofrimento universal* (filosofia e sociologia), ed. José Olympio.
— *Psicologia da revolução* (filosofia e política), ed. Civilização Brasileira.
(5ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).
- 1935 — *A quarta humanidade* (temas filosóficos I), ed. José Olympio.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V).
— *Despertemos a Nação* (política), ed. José Olympio.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
— *A doutrina do Sigma* (política), Editora Verde-Amarelo, SP.
- 1936 — *Palavra nova dos templos novos* (temas literários e políticos), ed. José Olympio.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).

- 1937 — *Nosso Brasil* (brasiliidade), ed. Coelho Branco.
(3ª ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. IV); 4ª ed. Voz do Oeste/Secr. de Cultura do Est de S. Paulo, S. P., 1981.
- *Geografia sentimental* (brasiliidade), ed. José Olympio.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
- *Páginas de combate* (política), ed. Livraria Antunes.
- 1942 — *Vida de Jesus* (biografia), ed. Panorama (in OBRAS COMPLETAS, vols. I, II, III), 21ª edição, Voz do Oeste, S. P., 1979.
- 1943 — *A aliança do Sim e do Não* (ensaio histórico, sociológico e religioso), ed. Ultramar, Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI).
- 1946 — *A mulher no século XX* (sociologia), ed. Tavares Lisboa, Porto.
(3ª ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- *O Rei dos reis* (história e religião), ed. Pro Domo, Lisboa (4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI). 5ª ed. in *Primeiro Cristo*, 4ª ed., Ed. Voz do Oeste/INL, 1979.
- *Conceito cristão da democracia* (ensaio político-filosófico), ed. Estudo, Coimbra.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- *Primeiro, Cristo!* (religião), ed. Figueirinhas, Porto.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI), 4ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1979.
- *A tua cruz, Senhor* (religião), ed. Ática, Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI).
- *Como nasceram as cidades do Brasil* (história), Ática, Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII, 5ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978).
- *Madrugada do espírito* (antologia, filosofia-política), ed. Ática, Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).
- *O Integralismo brasileiro perante a Nação* (política) s/ ed., Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX).
- 1947 — *A imagem daquela noite* (teatro religioso), ed. Gama, Lisboa.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- *Mensagem às pedras do deserto* (ensaios políticos), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV).
- 1948 — *Direitos e deveres do homem* (trabalho apresentado nas Conversações Católicas de San Sebastian, Espanha), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V).
- *Poemas da Fortaleza de Santa Cruz* (poesia), ed. de luxo, Guanumbi, São Paulo.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
- *Extremismo e democracia* (política), ed. Guanumbi, S. P.
- *Pio IX e o seu tempo*, prefácio à obra de Villefranche, *Pio IX*, ed. Panorama, São Paulo, 1948 (in OBRAS COMPLETAS, vol. XI).
- 1949 — *O ritmo da história* (ensaios políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI), 3ª ed. Editora Voz do Oeste/INL, 1978.

- *Discursos* (seleção), ed. Panorama, São Paulo.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
- 1950 — *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (hagiografia), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- 1951 — *Sete noites de Joãozinho* (literatura infantil), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
— *Espírito de Burguesia* (ensaio sociológico), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV).
- 1953 — *O integralismo na vida brasileira* (política), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
— *As qualidades e as virtudes de Euclides da Cunha* — Síntese de uma conferência proferida em São José do Rio Pardo — na V Semana Euclidiana, em 1953.
- 1954 — *Atualidades brasileiras* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI).
— *Roteiro e crônica de mil viagens* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII).
— *Críticas e prefácios* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX).
— *Contos e fantasias* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX).
— *Sentimentais* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX).
— *A inquietação espiritual na atualidade brasileira* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII).
— *Páginas de ontem* (excertos de "A doutrina do Sigma", "Páginas de combate" e "Cartas aos Camisas-verdes", in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
— *Viagens pelo Brasil* (in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
- 1955 — *Mensagem ao povo brasileiro*, ed. do autor, Rio de Janeiro.
- 1956 — *Livro verde da minha campanha*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1957 — *Reconstrução do homem* (filosofia educacional), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1957-1958 — *Palestras com o povo* — Irradiações na Rádio Globo.
- 1961 — *Discursos na Câmara dos Deputados* (seleção), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
— *Poemas do século tenebroso* (com o pseudônimo de Ezequiel), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1962 — *A crise parlamentar* (cinco discursos), ed. do autor, Brasília.
— *Como se prepara uma China*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1963 — *Imitação de Cristo* (tradução e introdução à obra de Kempis), ed. Verbo, Lisboa.
- 1964 — *Instrução Moral e Cívica*, ed. FTD, Rio de Janeiro.
- 1969 — *História do Brasil*, 2 vols., ed. FTD, Rio de Janeiro.
(2ª ed., 1972, ed. FTD).
- 1972 — *Trepandé* (romance), ed. José Olympio, Rio de Janeiro.
- 1973 — *13 anos em Brasília* (recordações), ed. do autor, Brasília.
- 1980 — *Tempo de exílio* (Correspondência familiar-1), Ed. Voz do Oeste, S. P. (obra póstuma).
— *Minha segunda prisão e meu exílio/Diário de bordo/Poema de Fortaleza de Santa Cruz*, S. P. (obra póstuma).

33.04
15782057418.1.

